

Em tom kitsch, 'Lola' questiona tradição teatral

Espectáculo espanhol solo incorpora elementos como o trash, o punk e a pop art

Montagem é entremeada por canções e interpretada pelo cantor Santiago Maravilla que, vestindo camisola, fala sobre agruras da mulher

GABRIELA MELLÃO
DA REPORTAGEM LOCAL

Nada mais coerente do que encerrar um Encontro Internacional de Teatro Contemporâneo com uma peça que decreta colapso de toda e qualquer tradição teatral. Trazida pelo Centro Cultural da Espanha, a irreverente "Lola", da espanhola Marta Gálán, é assim — como se pode constatar amanhã e domingo, os dois últimos dias da 6ª edição do Próximo Ato, no Itaú Cultural.

Espectáculo de 2003, ainda inédito no país, "Lola" é um solo entremeado por canções, interpretado pelo cantor Santiago Maravilla. Trata-se de uma obra fragmentária que não persegue história ou unidade, constituída por uma série de reflexões sobre amor, morte, solidão, política e futebol.

Embora tenha tom confessional, não há construção de personagem. A linguagem não é realista, mas um tanto kitsch, um tanto trash, propositalmente exagerada e excessiva.

Vestido de camisola de seda, meias rendadas e botas masculinas na maior parte do espetáculo, Maravilla discorre sobre as agruras das mulheres do mundo contemporâneo.

"Lola" é uma peça romântica que adquire uma contundência inesperada devido à postura bizarra, crua e anti-estética de

Santiago Maravilla. Seus códigos e seu físico transformam meus escritos testemunhais em algo diferente", diz Marta Gálán, dramaturga e diretora de destaque em seu país.

Pop, punk e trash

Juntos, Gálán e Maravilla criaram a Trilogia Cínica, iniciada com "Lola" e concluída em 2005 com "Machos" e "El Pero". Em seu trabalho, a dramaturga espanhola conecta realidade e arte, fato que transforma o teatro num instrumen-

to de reflexão social.

Também evidencia em cena a artificialidade da atuação. Rompe de maneira admiravelmente simples com paradigmas da representação, buscando verdade teatral. "Encontrar Santiago me deu oportunidade de continuar investigando uma linguagem iconoclasta e heterodoxa", afirma.

O trash, o punk, a pop art, caminhos estéticos trazidos pelo performer, não pertencem à tradição de teatro.

"Incorporar esses elementos

em cena significa assumir uma certa irreverência pela história do teatro e propor uma teatralidade mais viva, direta e popular", diz Marta Gálán.

LOLA

Quando: sáb., e dom., às 19h30

Onde: Itaú Cultural (av. Paulista, 149; tel. 0/xx/11/2168-1776)

Quanto: grátis; retirar os ingressos a partir das 19h; mais informações e programação no site www.itaucultural.org.br/proximoato

Classificação: não indicado para menores de 16 anos

FESTIVAL TEM AINDA DEBATES E MINICURSOS

A 6ª edição do Próximo Ato traz, até domingo, no Itaú Cultural, minicursos e debates com profissionais e pensadores das artes cênicas da Alemanha, da Inglaterra, do México e do Brasil. Hoje, às 14h, a alemã Erika Fischer-Lichte fala sobre "O que Acon-

tece no Entremeio - Teatro como Espaço Liminar". Hoje e amanhã, às 16h30, os ingleses David Jubb e David Micklem abordam o processo de improvisação arquitetônica que coloca artistas e público no espaço em desenvolvimento. Hoje, às 19h30, acontece o debate "Nossa Estética É Nossa Fome?", com o crítico Ismail Xavier e a pesquisadora cubana radicada no México Ileana Diéguez.

Marta Casas/Divulgação



O cantor Santiago Maravilla atua no solo de Marta Gálán